



João Carlos Souza pescou, num só dia, quatro tilápias, mas são poucos os que conseguem exemplares tão robustos

Peixes vão para a mesa dos pobres

Os peixes mortos no Lago Paranoá, nos últimos dois anos, afirma o pesquisador Fernando Sterling, não sofreram nenhum tipo de contaminação seja por bactéria, metal pesado ou outro elemento tóxico. Mesmo assim, o destino final deles foi o lixo, pois uma vez mortos, não havia como garantir sua preservação para consumo.

Desta vez, com a grande pescaria, pretende-se distribuir as tilápias entre instituições filantrópicas. O diretor do Instituto de Estudos do Meio Ambiente, Fernando Fonseca, informa que a pesca será feita por 50 duplas de pescadores devidamente identificados e somente no braço sul,

entre a Ponte das Garças e a margem do lado do Riacho Fundo. "Teremos uma autorização especial do Ibama para a pesca com tarrafas", afirma.

Mas os pescadores de plantão podem botar as barbas de molho se pretendiam tirar as tarrafas do fundo do armário. Esse tipo de pesca continua proibido e será rigorosamente fiscalizado em todo o lago. Isso se justifica porque, com a tarrafa, pode-se tirar do lago até 200 quilos de peixe por hora.

Uma rede com mais de 200 metros será estendida de uma ponta a outra da Ponte das Garças e até o fundo do lago (entre quatro e cinco metros de profundidade nessa área).

A Companhia Energética de Brasília (CEB) também vai colaborar oferecendo iluminação noturna ao local.

O próximo passo de interferência na vida do lago, será, provavelmente em dezembro, a inclusão de 500 mil alevinos de carpa chinesa. Estes, ao contrário das tilápias, são avaliados como beneficiadores da limpeza da água.

Fernando Fonseca afirma que todos os usuários do lago serão informados e mobilizados nessa operação. "Nossa preocupação é a gestão da bacia hidrográfica do DF. Se soubermos cuidar de nossos mananciais, teremos menos problemas no futuro", diz. (NB)